

João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004

**A Violência é Tão Fascinante ... E Nossas Vidas Tão
Banais... :
Um Estudo da Violência**

**Luciana
Ribeiro**

Ao longo do meu trabalho, há quase um ano acompanhando jovens que cometeram atos infracionais e que são encaminhados ao Programa de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei do Município de Olinda, tenho me deparado com situações e dilemas que me fazem refletir a respeito da realidade do jovem pobre, de suas reais possibilidades enquanto ser social portador de direitos e deveres e de seus conflitos enquanto adolescente em formação com suas angústias e sofrimentos diante de uma sociedade injusta e excludente.

O Programa que atuo é responsável pelas medidas socioeducativas em meio aberto de Liberdade Assistida (L.A.) e/ou Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), previstas no art. 112 no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) , que objetivam, acima de tudo, reinserí-los na sociedade, considerando a prática do ato infracional pelo adolescente, e garantindo sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento com seus direitos assistidos.

Juventude e violência são temas que estão perigosamente cada vez mais próximos. A violência sofrida ou cometida por jovens está se tornando atualmente uma realidade incontestável. São os jovens, em sua grande maioria os do sexo masculino, aqueles que mais matam e mais morrem. Isso tem provocado a apreensão, não apenas da opinião pública, através dos meios de comunicação de massa, mas também dos estudiosos acadêmicos, dos pesquisadores sociais, da política de atenção social às crianças e adolescentes; e das instituições públicas e privadas. As tentativas de explicação da violência

juvenil se difundem em compreensões de diferentes dimensões, articuladas a uma enorme multiplicidade de fatores classificados como causas ou determinantes dessa realidade, causando, muitas vezes, uma certa confusão para a real compreensão do problema e uma conseqüente alternativa de solução.

A agressividade vem sendo um tema atual em nossa sociedade ocidental, especialmente a juvenil, diariamente relacionada às ações das gangues; dos assaltos; dos crimes e seqüestros; dos jovens "aviõezinhos" de drogas; dos 'queimadores de mendigos'; e dos filhos assassinos de pais e familiares.

Sendo então, necessário uma compreensão de outras questões que estariam envolvidas, para o cometimento do ato violento, além das popularmente evidentes, tais como: alto índice de pobreza e fome, analfabetismo, conflitos familiares, drogas e convivência diária com a violência.

Violência: principais considerações

Violência, segundo o dicionário Aurélio, vem do latim – violentia - ato de violentar, constrangimento físico ou moral. Velho (1996) afirma que: "*a vida social, em todas as formas que conhecemos na espécie humana, não está imune ao que se denomina, no senso comum, de violência, isto é, o uso agressivo da força física de indivíduos ou grupos contra outros. Violência não se limita ao uso da força física, mas a possibilidade ou ameaça de usá-la constitui uma dimensão fundamental de sua natureza.*" (VELHO,1996:10) Ainda a respeito da definição de violência, Scott relatou que "*dentro de uma estrutura social injusta e desigual em que vivemos, todos são afetados por algum tipo de violência.*" (SCOTT,1996:148)

Diante das diversas discussões sobre violência, um ponto é transversal a todas: a violência pode ser simbólica ou física. Quando paramos para refletir a respeito da concepção de violência simbólica, começamos a perceber que em nosso dia-a-dia o crescimento do individualismo e da competitividade tornam-se

duramente excludentes, e por si só, violentos com o outro que não teve as mesmas chances, impossibilitando-o de uma vida social justa, criando assim, condições para que estratégias de sobrevivência subsistam ao lado do progresso tecnológico.

A violência física já é percebida de forma rotineira, os 'programas de rotas de crime', que dissertam e teatralizam a violência para torná-la mais real e assustadora a quem assiste, fazem despertar em nós um medo, medo do outro, do desconhecido, do conhecido ou, às vezes, até de nós mesmos. Ninguém está isento de sofrer, ou mesmo, cometer um ato violento em algum dia de sua vida, talvez seja isto que assuste tanto, a eminência da violência. Mesmo se uma pessoa ainda não foi atingida por algum ato violento, há ainda uma intrínseca aceitação dessa realidade como algo do cotidiano. De certa forma, quando a discussão sobre violência começa a ser pensada como natural, acaba por se tornar difusa e escorregadia, ficando difícil perceber até onde é ou não considerado violência, e conseqüentemente, como lidar com ela ou mesmo freá-la.

Mas o que é violência? Se pensarmos no fato de que cada sociedade e grupo social pensa e vivencia a violência conforme seus padrões sociais e valores, o que não é considerado violência para um indivíduo que está em determinada cultura, pode ser uma extrema forma de violência para o outro que encontra-se em outra cultura, detentora de outros valores sociais e morais. Acabamos de esbarrar nas questões éticas da violência. Violência com ética? Não é bem assim, talvez uma ética do respeito ao outro, de sua alteridade, e seus valores. Mas até onde vai esse respeito quando se trata de violência? É exatamente aí que entram as éticas universais e particulares. A ética particular compõe as regras de cada povo, cada grupo possui sua ética própria, sua cultura, sua lei. Já a ética universal caracteriza-se pelo bem viver, assim, as éticas particulares de um povo, comunidade ou nação não podem ultrapassar a ética universal, que respeita o relativismo à medida que o ato em questão não

agrada moral ou fisicamente o outro, se isso acontecer, a ética particular esbarra numa concepção de bem viver, concepção universal e direito de qualquer ser humano, independente de cultura, cor, credo, ou classe social.

Violência Juvenil: malandro, marginal, herói ou bandido?

"Quem nasceu pra malandragem não quer ser doutor"
(Marcelo D2)

Falando em classe... E o jovem pobre? Como ser ético diante de tanta injustiça, de tanta violência? Encontramos nossos jovens cada vez mais próximos da violência, seja como vítima da violência doméstica e sexual, cometida, na maioria das vezes, por pais ou familiares próximos, seja como próprio agressor, fato que vem causando espanto e preocupação por parte da sociedade. Afinal, de quem é a culpa? O que há de tão fascinante na violência que torna a vida tão banal?

*"Morreu na chegada do hospital
Um camarada que foi tão legal
Agora 'Dade Deus' ainda chora
O camarada de outrora.
Morreu, foi pro reino da glória
Está sentado junto de Nossa Senhora
O povo o queria de coração
E a sociedade o acusava de bandidão.
Não sou bandido
E posso provar*

Defendo a área

'Dade Deus', o meu lugar (...)

Vá, mãezinha, a essa redação

E diga pra eles

O filhinho da senhora

Não é um chefão.

No campo santo a multidão

Dando um adeus final,

Eles diziam: Manuel,

Ele não era um marginal..."

(Augusto, setembro 1979)

A idéia de uma vida breve, porém intensa e cheia de gratificações, é comum ser percebida no discurso de jovens que cometem atos infracionais, na sua grande maioria, violentos. É como se eles negassem e evitassem ao máximo ter a vida de seus pais e avós, uma vida sofrida, modesta, longa e sem perspectivas. 'Carpe Diem' – aproveitem o dia, aproveitem o momento. Mas qual é o limite? "A maioria deles já dessangrou com tiros no corpo antes de atingir os 25 anos" (ZALUAR,1985:137) A maioria deles talvez nem atinja os 25 anos, mas parecem querer ter tudo em pouco tempo, porque de outro jeito nunca conseguirão e viverão 70 anos na mais absoluta miséria. É como bem relata Abramovay, em estudo sobre jovens das periferias de Brasília:

"encontramos no discurso dos jovens uma série de representações positivas da malandragem, que emerge como possível alternativa futura de uma vida mais curta, porém mais fácil, gratificante e com menos sacrifício do que a dos trabalhadores. (...) Ser malandro é ser esperto, é conseguir sobreviver num ambiente ríspido, 'malandro é aquele que vive mais'. Chegar à velhice é ser vivo

num ambiente contaminado pelas drogas, pela violência, pelo crime. É também saber correr da polícia, nunca ser preso, ganhar dinheiro sem trabalhar e sem se 'sujar', ser bem-sucedido em todos os lugares, 'andar de carrão, celular', 'malandro é o titio Escobar (...)' 'é o que tem atitude' " (ABRAMOVAY,2002:84)

Assim, o malandro surge como herói, figura idealizada que em meio à pobreza e às dificuldades econômicas e sociais consegue se destacar, ser esperto, admirado e querido pela comunidade.

O fácil acesso às drogas e às armas, na maioria das vezes, mais bem aparelhadas que as da polícia, é a base desse estilo de vida, que possibilita a aquisição de bens de consumo e prestígio, além do sucesso junto às mulheres e o temor entre os homens. E é essa imagem idealizada, ou nem tanto assim, do malandro que mesmo diante das dificuldades vive bem, contribui para iludir os jovens que não querem ter o mesmo fim de seus pais... velhos e pobres. Além de excitar a idéia da máxima virilidade, de ser admirado pelas meninas e temido pelos colegas.

Considerando as diversas peculiaridades da violência juvenil, fica claro que a sua análise não pode limitar-se ao fator econômico, ela tem características econômicas, políticas, culturais e psicológicas. Zaluar dissertou com precisão a respeito dessas características:

"A imagem do menino favelado que com uma AR-15 ou uma metralhadora UZI na mão, as quais considera como símbolos de sua virilidade e fonte de grande poder local, com um boné inspirado no movimento negro da América do Norte, ouvindo música funk, cheirando cocaína produzida na Colômbia, ansiando por um tênis Nike do último tipo e um carro do ano não pode ser explicada, para simplificar a questão, pelo nível do salário mínimo ou pelo desemprego crescente no Brasil, nem tampouco pela violência costumeira do sertão nordestino. Por um lado, quem levou até ele esses instrumentos do seu poder e prazer, por outro, quem e como se estabeleceram e continuam sendo reforçados nele os valores que o impulsionam à ação na busca irrefreada do

prazer e do poder, são obviamente questões que independem do salário mínimo local. (ZALUAR,1996:55)

Isso não quer dizer que sou contra o aumento do salário mínimo nem da distribuição de renda no país que possui um dos índices mais altos de desigualdade social. O que precisa ficar claro é que apenas o aumento do salário ou a implementação de políticas públicas não serão eficazes diante da nova criminalidade que se configura, pois há outras questões em jogo.

É preciso salientar nessa discussão a respeito da violência juvenil que existe uma linha tênue e perigosa na fronteira entre o conceito de ser malandro e de ser bandido. Na linguagem nativa dos jovens atendidos em Olinda, por exemplo, há diferenças essenciais entre cada um dos termos: malandro, marginal e bandido. Segundo disserta Abramovay, nos seus discursos dos jovens das periferias de Brasília, "*ser bandido é estar envolvido com situações violentas, com o tráfico, com o crime, é estar sempre colocando a vida em risco, 'é ser sacana e pilantra'.*" (ABRAMOVAY,2002:85) Já o conceito de malandro encontra-se mais na definição de esperteza, de saber entrar e sair bem dos lugares sem ser percebido e conseguir o que quer, seja pelo uso da lei ou não, o malandro não tem uma conotação de violência ou agressão. Perlman (1977) afirma que "*em português e espanhol, a simples palavra marginal tem conotações profundamente negativas. Um marginal, ou um elemento marginal significa um vagabundo indolente e perigoso, em geral ligado ao submundo do crime, da violência, das drogas e da prostituição.*" (PERLMAN,1997:124) Mas o que impede o malandro de ser bandido? O que faz o bandido ser herói? A sociedade tem em mente essa diferença ou essas definições se limitam apenas às fronteiras da comunidade? Malandro, marginal, herói ou bandido, definições difusas e pouco compreensíveis, mas visivelmente bem distintas na definição popular das comunidades de baixa renda e que devem ser colocadas com bastante cuidado.

Nem todos os que transgridem as regras são considerados bandidos por toda a sociedade. Nem sempre o 'marginal' vai ser compreendido como algo a

ser excluído, anulado pela comunidade. O 'marginal', muitas vezes, possui um prestígio pouco conseguido por qualquer outro habitante de sua comunidade. Existem diferenças tanto entre as diversas classes como entre os grupos de convivência. Roubo e furtos esporádicos nem sempre são suficientes para determinar a quebra com o mundo da ordem. Podendo ser percebido como uma doença, ou mais facilmente como uma questão de sobrevivência, ou mesmo, pelos mais críticos, como uma maneira de equiparação social. Nos meados dos anos 60, por exemplo, a idéia do bandido bondoso, herói de seu povo, que vingava os seus e enfrentava as forças da burguesia capitalista, o marginal era visto como verdadeiro herói, um Robin Wood de seu tempo.

Se ser herói, é ter honra, e se defendo por honra a definição dada por Pitt-Rivers: *"honra é o valor de uma pessoa aos seus próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade. É a estimativa de seu próprio valor ou dignidade, pretensão ao orgulho, mas também o reconhecimento dessa pretensão, sua excelência reconhecida pela sociedade, seu direito ao orgulho."* (apud SOUZA,1996:148) Então parece que a concepção de honra não é igual a todos, ela vai depender da posição do sujeito na hierarquia local e do comportamento condizente com sua posição em termos de status, classe, idade e gênero. Assim, o malandro-herói visto por nós ocupa uma posição ambígua, adquire honra e passa a ser bem quisto pela sua comunidade, é visto como poderoso e justo, roubando dos mais ricos para dar aos mais pobres, um verdadeiro Robin Wood – herói-ladrão das histórias em quadrinhos. Porém, nem todo Robin possui laços tão estreitos e dignos para com a sua comunidade de origem. As relações entre bandidos e população, nos bairros pobres e nas favelas, são antes de mais nada apoiadas no terror e no medo da violência.

Assim, a malandragem, a marginalidade, ou mesmo, a bandidagem podem, dependendo do ponto de vista de quem analisa, ser valorizados, como formas criativas e adaptativas diante das especificidades das circunstâncias impostas e oportunidades conquistadas. Ou então poderão ser percebidos como

atos de negação dos princípios elementares de justiça, como a igualdade perante a lei. Independente da análise final da justiça, é sempre interessante se permitir observar os dois lados, o de quem faz e o de quem sofre, de alguma forma, a transgressão praticada pelo jovem.

Violência Juvenil: problema ou solução?

Banditismo por pura maldade

Banditismo por necessidade

Banditismo por uma questão de classe.”

“Em cada morro uma história diferente

E a polícia mata gente inocente.

E quem era inocente hoje já virou bandido

pra poder comer um pedaço de pão todo fudido.

Chico Science

Seria interessante focar aqui o que tem sido feito da violência como forma de expressão de um movimento maior, a exclusão. O sentimento de exclusão é vivenciado por todos que, atropelados pelo avanço da informação e do poder econômico, não conseguem compreender e muito menos conviver. A mídia colabora com esse sentimento a partir do momento que cria parâmetros para classificações sociais, os mitos pops, por exemplo, representam um ideal, quase sempre inalcançável, que sustenta o sonho dos jovens. Como, então, comprar aquele tênis que 'é tudo de bom' ou ter aquele 'jeans' que te deixa muito mais sexy, se é difícil ter dinheiro até para pegar um ônibus e ir à praia no fim-de-semana. Diante disso, que chance efetiva a família e o Estado podem oferecer ao jovem pobre? O que ele fará para sobreviver em meio ao progresso tecnológico e econômico se a sociedade não garante nem os seus direitos fundamentais de sobrevivência? Muitos poderão utilizar estratégias marginais de convivência, aqui incluo desde uma atitude ilícita

ao uso da violência em sua forma mais perversa. Violência - o que é problema para a sociedade parece ser a solução para a juventude pobre.

Nossa intenção não é defender a violência, muito menos justificar a violência juvenil, mas tentar compreender porquê, mesmo diante das pressões sociais, culturais, regras, leis e políticas de assistência social, os jovens cometem atos violentos, de maneira deliberada e de graus cada vez mais elevados. Talvez nossa compreensão possa ser pensada um pouco por esse raciocínio.

Em relação às leis e regras sociais, precisamos compreender que a juventude é caracterizada por transformações, revoluções, ideais de justiça, de onipotência, de sensação de imortalidade, produzindo atos de rebeldia e desafio às leis vigentes, conseqüentemente, as leis, que quase nunca são justas, parecem ficar em segundo plano, diante de tantas transformações e tecnologias a serem conseguidas a qualquer custo.

Vemos com facilidade nas ruas a falta de poder público eficaz, a fragilidade das leis e do sistema de punição do nosso Estado e a conseqüente criação de regras e leis próprias por parte dos 'marginais', como nos relata o Juiz da Primeira Vara da Infância e Juventude da Comarca do Rio de Janeiro, Siro Darlan de Oliveira:

"Populações sitiadas à mercê da bandidagem, localidades proibidas aos carteiros, oficiais de justiça, agentes de saúde, embora ali residam em sua imensa maioria operários, mães de família e, sobretudo crianças. Na falta do poder público e de figuras que passem mensagens positivas, o que resta à população infanto-juvenil são os 'heróis bandidos', que lhes oferecem ocupação ilícita, dinheiro fácil, ilusão de poder, aventuras reais com armas e drogas e, finalmente, morte prematura." (CALVI,1997:04)

Dessa forma, diante do jovem, a bandidagem surge, com o perigo eminente, mas como forma de proporcionar algo que os outros caminhos que poderiam ser seguidos, dificilmente iriam. O problema vira solução. A aparente desordem se instaura, mas há uma ordem nessa desordem e é nessa dialética que o jovem cometedor de atos infracionais se encontra. Ele cria a sua própria ordem de

sobrevivência em meio à desordem social e moral. E como diria uma música de Chico Science: "Posso sair daqui para me organizar / Posso sair daqui para me desorganizar / E eu me organizando posso desorganizar / E eu me desorganizando posso me organizar." E é nessa ordem da desordem que a cena juvenil se forma.

A violência como Forma de Expressão e Afirmação da Masculinidade no Jovem

93% do jovens atendidos e acompanhados pelo Programa de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei do Município de Olinda são do sexo masculino.

Durante meu estudo e minha experiência de intervenção atendendo jovens autores de atos infracionais, comecei a interessar-me por dois dados extremamente interessantes: 1. são os jovens do sexo masculino os que mais matam e mais morrem em Olinda; 2. em todos os rapazes de 14 a 21 anos atendidos e acompanhados, é perceptível em seus discursos, quando questionados sobre o cometimento do ato, um foco constante na sensação que pensam possuir de dominação e controle dentro da comunidade: um poder real, a força agressiva e o medo que ela provoca nas pessoas; e um poder simbólico, o respeito obtido através do temor.

"Depois que eu fiz o que fiz, minha mãe ficou com raiva de mim, mas meus amigos me apoiaram, disseram que estavam comigo pra o que der e vier e acho até que me davam mais atenção do que antes, ficavam me 'babando' ".(E. B., 19 anos, adolescente acompanhado pelo Programa LA)

"De tudo de ruim que aconteceu quando fui pego pela polícia só teve uma coisa boa, consegui uma namorada ,logo depois que sai do internamento, ela é a mais bonita da minha rua, nunca imaginei que ela me daria bola." (R. B., 16 anos, adolescente acompanhado pelo Programa LA)

Assim, diante desses dados, podemos começar a questionar até que ponto a violência cometida pelos jovens constitui-se em uma forma de expressão e afirmação de sua masculinidade. Percebo, durante nossas conversas, que quanto mais perigosos os jovens se apresentavam diante do seu grupo de convivência, mais são admirados pelas meninas e temidos pelos colegas. Essa sensação de poder e virilidade através da violência parece lhes atrair muito. Nolasco, estudioso da masculinidade no Brasil apresenta bem essa idéia quando afirma:

"Durante a socialização dos meninos, estes serão alimentados por fantasias de onipotência e senhorilidade, que posteriormente deixarão de ser apenas traços da subjetividade masculina para se transformarem em cenas do cotidiano. Os homens crescem tomando a fantasia por realidade e o poder que socialmente lhes é conferido viabiliza este movimento." (NOLASCO,1995:73)

A agressão, a violência, passa então a ser compreendida, pelo adolescente, como elemento de poder e virilidade. Eles anseiam ser guerreiros invencíveis, temidos e admirados, pela sua rua, pelos seus amigos, pelo seu bairro, pela polícia, ou mesmo por sua namorada. Como bem afirma Nolasco:

"O envolvimento dos homens em situação de violência está relacionado ao esforço empreendido pelo sujeito para manter sua forma de homem dentro da cultura da qual ele faz parte." (NOLASCO,2001:14)

Na palavra 'masculinidade', encontramos em sua raiz cultural terminações nervosas denominadas: virilidade, força e vigor. Os termos masculinidade e violência possuem relações que vão desde a maneira como os meninos são socializados pela família, pela escola e por todos os outros meios de socialização que a criança tenha disponível, que pode ir desde uma socialização despreparada e

irresponsável a um modo agressivo e violento de ensinar a viver o mundo e de compreender seus sentimentos.

Não podemos esquecer que os meninos recebem muito mais ensinamentos do gestual masculino e de como revelar sua masculinidade, do que o modo como expressar sentimentos e desejos pessoais. E isso influencia e muito na hora de agregar e transmitir valores. É como se o jovem se sentisse colocado à prova em sua masculinidade constantemente.

Correr risco de vida, praticar roubos e furtos, fugir da polícia constituem – se em atividades viris, de ousadia e coragem. E são tipicamente cenários masculinos. Assim, os meninos são orientados muito mais para a agressividade e a competição do que para a negociação e o acolhimento. A violência, torna-se então, fascinante.

Referências Bibliográficas:

ABRAMOVAY, Miriam. Et al. Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CALVI, Gian. e FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. Ninguém tolera isso! Mas... eles não nascem infratores. Petrópolis/RJ: Autores & Agentes & Associados, 1997.

ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Governo do Estado de Pernambuco – Gabinete do Governador. 1998.

NOLASCO, Sócrates. O Imaginário Masculino e as Ideologias de Guerra. In: O Mito da Masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. De Tarzan a Homer Simpson. Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PERLMAN, Janice E. O Mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SCOTT, R. Saúde e Pobreza no Recife: Poder, Gênero e Representações de Doenças no Bairro do Ibura, Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

SOUZA, Marcus Alvito Pereira de. A Honra de Acari. In. VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcus. (orgs.). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcus. (orgs.). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. A Globalização do crime e os limites da explicação local. In. VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcus. (orgs.). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

Autora: Luciana Maria Ribeiro de Oliveira

Universidades: Pós Graduada em Psicologia Social e da Personalidade (FAFIRE)

Aluna especial do Mestrado de Antropologia (UFPE)

Titulação: Psicóloga, Pós Graduada em Psicologia Social e da Personalidade, técnica do Programa de Atendimento ao Adolescente em Conflito com a Lei da Prefeitura de Olinda.

O art 112 do ECA afirma que: “Verificada a prática do ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I advertência; II obrigação de reparar o dano; III **prestação de serviço à comunidade**; IV **liberdade assistida**; V inserção em regime de semiliberdade; VI internação em estabelecimento educacional.”

Termo para definir crianças e adolescentes que são usados pelos traficantes para transportar a droga até o seu destino.

Prática de atear fogo em mendigos que se tornou conhecida depois do fatídico assassinato do índio Pataxó por jovens de Brasília.

Música de Marcelo D2, cantor de Rap.

Música feita em homenagem a ‘Mané Galinha’, muito querido na comunidade Cidade de Deus no subúrbio carioca, após sua morte ganhou um samba e várias estórias sobre a sua valentia, beleza e simpatia. Letra da música retirada do livro: ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta: As organizações populares e o significado da pobreza. Brasiliense: São Paulo, 1985.

Cantor muito conhecido na cena musical pernambucana, foi um dos percussores do movimento mangue-beat e morreu de forma drástica em um acidente de carro, em fevereiro de 1997.